

## CIÊNCIA



**Paul Nurse** Presidente do Crick Institute de Londres e Nobel da Medicina

# “Um bom acordo para a ciência britânica é não haver ‘Brexit’”

Texto **VIRGÍLIO AZEVEDO**  
Foto **TIAGO MIRANDA**

Dirige o Francis Crick Institute em Londres, o maior centro de investigação de ciências biomédicas da Europa, e foi Nobel da Medicina em 2001 pela descoberta das proteínas que controlam a multiplicação das células. Paul Nurse, que participou recentemente numa conferência no Dia da Universidade Nova de Lisboa, pertence ao Grupo de Alto Nível de Aconselhamento Científico da Comissão Europeia, que integra sete investigadores de topo, incluindo a portuguesa Elvira Fortunato. E diz que vai continuar neste grupo depois do ‘Brexit’, porque está por mérito próprio e não a representar o seu país. Nurse considera que “o ‘Brexit’ terá um impacto negativo muito maior na ciência britânica do que na ciência europeia”.

**Na ciência, o Reino Unido contribui com mil milhões de euros para o orçamento anual da UE mas recebe €1,5 mil milhões. Com o ‘Brexit’, o que seria um bom acordo com Bruxelas na investigação científica?**  
**R** Um bom acordo para a ciência britânica é não haver ‘Brexit’. É tão simples como isto.

**Em julho disse à revista “Nature” que o Reino Unido estava a caminhar para um desastre. Depois dos acordos conseguidos por Boris Johnson com o Parlamento e com a UE mantém a mesma posição?**  
**R** Nessa altura estava a referir-me a um ‘Brexit’ sem acordo com a UE, o que levaria o Reino Unido a ser excluído da maioria dos mecanismos científicos de cooperação europeia. Mas se tivermos um ‘Brexit’ negociado pelo primeiro-ministro, a situação será com certeza mais tolerável. Só que de momento não temos um acordo que seja

ideal para a ciência britânica. Boris Johnson parece querer evitar um alinhamento com a UE em termos de regulamentos, o que é um problema para conduzir e aplicar a investigação científica no Reino Unido. Por outro lado, os líderes do Partido Conservador não têm capacidade política suficiente para se relacionarem com os seus colegas europeus. E sem uma boa relação é difícil alcançar compromissos e estabelecer formas de trabalhar.

**Será então um acordo frágil na ciência?**

**R** Não vai ser politicamente fácil para o Reino Unido negociar uma boa posição, porque a falta de regulamentação vai tornar as coisas difíceis. Se não estivermos no mesmo mercado comum, não estou a ver como é que os nossos projetos científicos podem ser elegíveis a fundos europeus. Em todo o caso, este é um problema a curto e médio prazo, porque na realidade penso que vamos gradualmente voltar a ser membros da UE. Mas talvez isso não aconteça durante a minha vida...

**Um estudo da Royal Society mostra que, desde o referendo de 2016, o peso anual do Reino Unido no financiamento da ciência da UE caiu 33%. E o número de cientistas estrangeiros que vão trabalhar no país ao abrigo de programas europeus desceu 35%. Está preocupado com estes dados?**  
**R** Claro que estou. É imprevisível se a ciência do Reino Unido

se consegue manter nas fortes redes de cooperação europeia construídas ao longo de mais de 40 anos e ter acesso a financiamento de elevada qualidade das instituições da UE. Não vejo qualquer vantagem do ‘Brexit’ para a ciência britânica.

**O mesmo estudo revela que a ciência britânica perdeu financiamentos de €500 milhões por ano desde 2016 por causa da instabilidade do ‘Brexit’. E que a parte do Reino Unido no financiamento do programa europeu Horizonte 2020 de apoio à ciência passou de 16% para 11%. Esta tendência negativa vai continuar?**

**R** Se sairmos da UE a economia vai ser afetada. E quando isso acontece, a investigação científica fundamental e mesmo a investigação aplicada são também afetadas, porque as prioridades do financiamento público vão para a saúde, a educação e outros serviços do Estado, e não para a ciência. O Governo sublinha que quer apoiar a ciência, mas o primeiro-ministro Boris Johnson não é muito credível no que diz e muda constantemente de posição, portanto não podemos confiar em tudo o que ele afirma. Por outro lado, com a economia a cair deixamos de ter acesso a fundos europeus importantes como as bolsas milionárias do Conselho Europeu de Investigação (ERC).

**Quanto investe o Reino Unido por ano em investigação?**  
**R** Estamos entre os países da

UE que menos gastam em ciência, cerca de 1,7% do PIB, enquanto países como a Alemanha já estão perto dos 3%. Além disso, o ‘Brexit’ tem um impacto negativo significativo na imagem do Reino Unido, não apenas na Europa, mas também em todo o mundo. Fechamos o país sobre si mesmo não é compatível com fazer ciência de elevada qualidade, movimentar pessoas, ideias e recursos com outros países.

**A reputação científica do Reino Unido será afetada.**

**R** Penso que vai diminuir. Dirijo um grande instituto de investigação nas ciências biomédicas, o Francis Crick Institute, e ainda não sentimos nenhuma mudança, mas outras instituições do Reino Unido já estão a sentir. No Crick Institute temos tomado medidas para nos protegermos e mantermos uma forte rede de contactos e de interações com o resto da Europa.

**O impacto negativo do ‘Brexit’ na ciência não é, assim, apenas um problema de financiamento.**

**R** Não. É também um problema de reputação, cultura, permeabilidade, redes de trabalho com a UE e com o resto do mundo.

**Boris Johnson deu instruções em setembro a vários departamentos do Governo para criarem um novo sistema de vistos rápidos para atrair cientistas de topo para o Reino Unido. É uma medida positiva?**  
**R** Temos um sistema burocrático nesta área que é mau há vários anos, estamos sempre preocupados e nunca foi melhorado. Eu diria que são boas notícias, mas a minha reserva é que nem sempre acredito no que é dito pelo Governo, porque há a tendência para se anunciar aquilo que soa bem.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

## O FUTURO DO FUTURO

## Netflix e companhia querem pôr fim à partilha de contas

**Estratégia foi utilizada até aqui para aumentar o número de utilizadores. Agora o objetivo é transformá-los em clientes**

Foi uma tempestade perfeita para a televisão e para o cinema. Primeiro, os consumidores de séries e filmes deixaram de querer esperar pela estreia dos seus conteúdos preferidos (em sala ou num canal linear). E depois deixaram de pagar por eles. A pirataria cresceu de forma avassaladora, sem que as autoridades conseguissem evitar o acesso aos *sites* onde tudo estava disponível, até que o acesso à tecnologia melhorou e os principais locais de partilha de conteúdos foram encerrados. Nesse momento já os serviços de *streaming* começavam a ganhar clientes, pegando nos destroços da tempestade enfrentada pelos concorrentes tradicionais e juntando-lhe os novos hábitos de consumo.

Com uma política de preços agressiva — cerca do preço de um bilhete de cinema por cada mês de acesso, muito inferior ao praticado pelos operadores de televisão por cabo (mesmo com períodos de fidelização associados) —, começaram a ganhar dimensão em todo o mundo. Primeiro em mercados mais maduros e depois em lugares onde os serviços tradicionais nunca chegaram a estar disponíveis. Foi uma estratégia global e concertada que se mostrou vencedora, mesmo ignorando o facto de os clientes partilharem o acesso com amigos ou familiares. Mas isso poderá estar prestes a mudar. O investimento em conteúdos próprios é cada vez maior (há empresas a investir valores próximos dos mil milhões de euros numa única produção) e é necessário crescer de forma mais sustentada.

Greg Peters, vice-presidente da Netflix com o pelouro do produto, já tinha confidenciado ao Expresso, num *workshop* conjunto em Berlim, a preocupação da empresa com a partilha de palavras-passe. Mas era um mal necessário. A Netflix queria ganhar notoriedade no mercado e aproveitou a vontade dos utilizadores para que os seus programas alcançassem mais pessoas. Agora, com mais de 158 milhões de membros pagos em 190 países, a Netflix pretende começar a cobrar os valores em falta e crescer no número de assinaturas (para lá das audiências).

“Continuamos a monitorizar [a partilha de palavras-passe]”, disse Peters na apresentação de resultados da Netflix no terceiro trimestre, frisando que a empresa vai continuar a “analisar a situação” enquanto procura uma forma de limitar esse tipo de comportamento, que viola os termos do serviço, sem prejudicar a experiência do utilizador. Sobre a possibilidade de a empresa avançar já com medidas que impedissem a partilha de contas, Peters garantiu que não existem planos fechados sobre isso.

Atualmente, além da Netflix, são vários os serviços de *streaming* que procuram soluções tecnológicas para combater os excessos. Em causa está um mercado global onde operam também a HBO e a Amazon, por exemplo, e às quais se junta a partir de hoje o Apple TV+, num ecossistema de conteúdos onde existem ainda plataformas locais. De acordo com números mais recentes do Barómetro de Telecomunicações da Marktest, há cerca de 1,5 milhões de subscritores de serviços de *streaming* de filmes e séries em Portugal. Nas faixas etárias mais jovens, 39,4% afirmam subscrever serviços de *streaming*. A Netflix é a empresa do sector com maior penetração.

JOÃO MIGUEL SALVADOR  
jmsalvador@expresso.imprensa.pt

